

ROBERTO VENTURA (1957 – 2002)

Quarta-feira, 14 de Agosto, hora de almoço. Sentara-me à mesa, o telefone toca. Era do Rio: a amiga Luitgarde Cavalcanti fala com voz baixa e estranha – soube depois que sofrera uma cirurgia tireoidiana – dizendo ter notícia triste a dar: a morte de Roberto Ventura naquela madrugada, num acidente de estrada, ao dirigir de retorno de São José do Rio Pardo, aonde fora participar, mais uma vez, da 90ª Semana Euclidiana. Seu carro batera atrás de uma carreta e tivera morte no local.

Roberto participara lá, em São José do Rio Pardo, de uma mesa-redonda e ministrara uma aula no ciclo de estudos, atividades regulares da Semana Euclidiana, anual. Voltara para São Paulo no domingo a fim de passar o Dia dos Pais, cruzando os 266 km até a capital para encontrar Thomaz, seu único filho. À noite, fora para Campinas, onde tinha compromissos na Unicamp. Mas retornara para São José do Rio Pardo na segunda-feira à noite para trabalhar no Centro de Estudos e Pesquisas Euclidianos Dr. Oswaldo Galotti, na terça-feira. À noite, jantara com colegas num restaurante e partira às 23:00h, para encontrar a morte no caminho de volta, aos 45 anos, deixando a mulher, a jornalista Márcia Zoladz, e o filho Thomaz Zoladz Ventura, de 14 anos.

Escritor, ensaísta e crítico, Roberto Ventura (Rio, 1957 - São Paulo, 2002), era um dos bons especialistas em Euclides da Cunha e Canudos, sobre os quais escrevera já, em vários periódicos, inúmeros artigos e conferências. Neste ano do centenário de publicação de *Os Sertões*, a agenda 2002 deste Professor de Teoria

EDUARDO DIATYH B DE MENEZES*

Escritor. Professor Titular da UFC e da UECE.
Membro do Instituto Histórico do Ceará e da
Academia Cearense de Letras.

Literária e Literatura Comparada da USP estava cheia de compromissos de participação em eventos e debates sobre a data.

Roberto tivera um percurso acadêmico de primeira ordem: aluno do Colégio Santo Inácio e da Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, onde se graduara em Letras, fazendo depois seu mestrado na PUC-RJ. Aconselhado por Silviano Santiago, seu orientador aí, faz doutorado em Línguas e Literaturas Românicas, na Ruhr-Universität, em Bochum, Alemanha. Em seguida, desloca-se do Rio para São Paulo onde, na USP, orientado por João Alexandre Barbosa, faz novo Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada.

Roberto Ventura era um pesquisador sólido, de mirada analítica consistente, sem perder a sensibilidade estética que lhe assegurava sua excelente formação e sua permanente busca. Desde cedo, começara a publicar os resultados de suas investigações num domínio multifacetado, voltado para a vida cultural e literária da história da inteligência brasileira. Ainda em sua fase carioca, em 1981, com apenas 24 anos de idade, manifestação de seu talento e precocidade, publica em cooperação com Flora Sússekind, pela editora Moderna, o livro *História e Dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*, obra primordial para o reconhecimento e reavaliação desse brilhante ensaísta das três primeiras décadas do século XX, desse original e rebelde «intérprete do Brasil», ainda hoje estranhamente silenciado: o livro se compõe de excelente ensaio introdutório sobre sua obra e de uma coletânea sistemática de textos

colhidos de fontes rarefeitas. Três anos mais tarde, publica *Escritores, Escravos e mestiços em um País Tropical*. Em 1991, pela Companhia das Letras, sai seu estudo sobre a formação da crítica literária no país no final do século 19 e início do 20, em torno da figura de Sílvio Romero e de suas polêmicas – *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. Sua obra mais recente, *Folha Explica Casa-Grande & Senzala*, de 2000; e acabara há pouco outro livro, *Folha Explica Os Sertões*, que a Publifolha lançará em setembro deste ano. Deixa inconclusa sua grande obra, na qual vinha trabalhando sem cessar há 10 anos: um nova biografia de Euclides da Cunha em que buscava fundir vida e obra desse gênio trágico.

Eu o conhecia como autor desde muito. Em pessoa, fizemos amizade na Semana Euclidiana de 1996, em São José do Rio Pardo. De cada vez que nos reencontramos, em Fortaleza, na Bahia, em Colônia (Alemanha), Roberto, com seu jeito afável, discreto, cortês e generoso, portava uma caderneta onde anotava tudo quanto podia colher para o seu trabalho e esta-

va sempre à cata de esclarecer dúvidas de suas pesquisas sobre Euclides. Por isso confiava nos colegas para quem enviava freqüentes mensagens por correio eletrônico, a fim de retificar uma data ou fato, buscar documentos que dessem suporte a afirmações, etc.

Confesso minha profunda tristeza com a notícia de sua morte. Numa bela conferência, *«Euclides da Cunha: a história como tragédia»*, que proferiu, em 2000, na Biblioteca Nacional, vejo prenúncios agoureiros disso que os Gregos chamavam de *moira*. Morto Euclides da Cunha numa manhã de domingo triste e chuvoso (15/Agosto/1909), aos 43 anos, que estranho fascínio sua figura agonística exercia sobre esse amigo de serena aparência? Fico a meditar sobre a socrática malícia do verso final de Vinícius de Moraes, em seu grandioso e belíssimo poema *«A Morte de Madrugada»*, acerca do assassinato de García Lorca na Espanha franquista:

«A morte é simples de madrugada...»

Fortaleza, 23 de agosto de 2002.